



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

*Discurso no ato de assinatura de contrato
para construção de casas populares, entre a
Caixa Econômica Federal e o Governo do
Estado de São Paulo*

PALÁCIO DOS BANDEIRANTES, SÃO PAULO, SP, 25 DE JUNHO DE 1999

Meu caro Governador Mário Covas; Senhores Ministros; Senhores Parlamentares; Senhores Secretários; Secretário Sérgio Cutolo; Doutor Emílio Carazzai; Doutor Francisco Prado; Doutor Goro Hama; Senhores Prefeitos,

É uma grande satisfação estar aqui e termos quebrado o protocolo. Eu ia quebrar mais, ia falar em pé. Pelo protocolo, não posso. Mas o protocolo de São Paulo disse que é melhor eu falar sentado. Como estou cansado, vou falar sentado. Mas me deixe fazer a defesa do protocolo, Governador. A razão pela qual eles queriam nos privar do prazer de estarmos mais diretamente em contato com os Prefeitos é porque eu ia correndo para o Rio de Janeiro, para chegar a uma outra solenidade lá, e ela foi transferida. Então, com maior alegria, estendi mais o meu tempo aqui, em São Paulo, aqui neste Palácio dos Bandeirantes, onde é sempre um prazer rever São Paulo, os amigos todos que aqui estão e, muito especialmente, o meu querido amigo, o Governador Mário Covas.

Quando o Governador Covas começou a falar e a dar os números, eu pensei: “Meu Deus, não sobra nada para mim.” Depois ainda vi o Secretário Cutolo aumentando os números e disse: “Não é possível, cadê o Ministro da Fazenda, para segurar esse ímpeto de gastar?”

Mas, na verdade, desses 3 bilhões de reais que ele mencionou aqui – isso não se pode dizer, porque os outros estados não vão gostar –, mas de 1 bilhão de reais vem para São Paulo. Para esses programas, basicamente o programa de arrendamento, que tem muitas vantagens, algumas das quais o Governador Covas mencionou. A vantagem principal é a de que foi possível reduzir significativamente a taxa de juros e, também, a questão da demonstração da renda para poder comprar o imóvel. No fim de certo tempo, a pessoa, automaticamente, fica proprietária do imóvel.

Além do mais, temos experiência – tenho, por transferência de informações – de que há uma mobilidade muito grande. As pessoas compram a casa, vendem a casa, abandonam a casa. Então, é muito complicado esse processo. Com o arrendamento, isso fica mais facilitado.

Também queria lhes dizer que, segundo me informou o Secretário Cutolo, e espero que o Doutor Emílio Carazzai não só reafirme mas que expanda, nós estamos, neste momento, distribuindo cerca de mil cartas de crédito por dia útil. É isso? No ano passado. Foi isso que disse o Doutor Carazzai: vai expandir mais. Mil cartas de crédito por dia útil.

A diferença é que a carta de crédito permite que aquele que a recebe possa transacionar o imóvel já feito. Agora não, estamos fazendo um projeto que vai permitir a construção de casas para serem arrendadas, o que mobiliza mais energia, mais mão-de-obra, possibilita o entrosamento com o setor empresarial. Isso é fundamental.

A razão pela qual estamos aqui, com esse projeto em São Paulo – há muitas outras razões –, é o grande entrosamento entre a administração de São Paulo e a federal, a competência estabelecida aqui em São Paulo. Mas há uma razão fundamental: é que São Paulo, realmente, tem uma massa de habitantes muito grande e tem problemas de emprego muito sérios.

Claro que isso não significa que vamos nos esquecer de outras capitais. Belo Horizonte já vai iniciar, também, o mesmo programa de renda, de aluguel para arrendar. Da mesma maneira como no Rio de Janeiro. Enfim, nas capitais, onde há problemas sérios, nós vamos atuar, dentro do possível.

Mas essa é a nossa grande batalha, neste momento. O Brasil passou, como todo mundo viu, por muitas dificuldades. Muitas mesmo. A partir de agosto do ano passado, com a crise da Rússia, tivemos muitos problemas. E conseguimos recolocar, enfim, o trem nos trilhos. Outra vez o Brasil, hoje, dispõe de condições de continuar no seu projeto de desenvolvimento, de crescimento, não tendo perdido aquilo que era fundamental, que é a estabilidade dos preços, ou seja, os mais pobres não vão ser lesados pela inflação.

Isso foi muito importante e possibilita aquilo que é essencial para a retomada do crescimento. Possibilita, também, por causa da mudança do regime cambial e por outras mudanças mais, uma redução sensível na taxa de juros. O que facilita os investimentos, o que facilita os financiamentos. Espero que essa redução prossiga. Só depende, para isso, de mantermos no Brasil uma política equilibrada e uma relação aberta e de confiança, para que possamos ter condições de continuar na tendência da diminuição da taxa de juros. Isso vai alentar mais os empresários e os consumidores, para que eles possam ter mais acesso à moradia.

Mas, dizia eu, repondo a economia, como estamos repondo, nos trilhos de crescimento, a nossa grande batalha, agora, é a batalha do emprego. A da inflação se pode dizer que está sob controle. Está sob controle. Não foi fácil. Recentemente, no exterior, me disseram: "Olha, vocês conseguiram fazer, com o Plano Real, a melhor maneira de controlar a inflação."

Agora, o Brasil, quase milagrosamente, faz uma desvalorização que teve o melhor efeito das desvalorizações conhecidas. Mas o fato é que conseguimos. E conseguimos graças à compreensão do povo brasileiro, à consciência do povo, à cooperação de todos os empresários. O Governo não perdeu o rumo, nem a energia, nem a confiança

no país. Agora, nós temos que vencer a outra batalha, que é de vida melhor para a população brasileira.

A casa, disse para o Governador Mário Covas, é um desses itens, é mesmo. Só quem mora em palácio sabe como casa é bom. Palácio precisa de protocolo porque, se não precisasse, estávamos invadidos. Invasos, melhor dizendo, no nosso tempo, na nossa possibilidade de distribuição de tempo. Palácio precisa de segurança. Casa precisa de segurança, mas de protocolo não.

Então, casa, realmente, é símbolo da intimidade, é símbolo da vida privada, daquilo que nós, aqui, não desfrutamos mais. Mas isso é importante para o cidadão brasileiro. É muito importante. É preciso dar, não só isso, mas é preciso dar, também, essa perspectiva de estabilidade, não só dos preços, mas da vida. E a estabilidade da vida precisa de uma esperança continuada de que as pessoas vão obter ocupação, de que os filhos vão poder trabalhar, além de ter escolas, etc. Essa é a nossa batalha. É uma batalha nacional. Não é batalha de um partido, não é batalha de um presidente, de um governador, é nacional. Como as pessoas confundem alhos com bugalhos e pensam que é a política tal ou qual, fulano, beltrano, tal partido! Estão equivocadas. Esse é um dever patriótico, nos unirmos, darmos as mãos uns aos outros, para conseguirmos avançar naquilo que é essencial para a melhoria do bem-estar da população brasileira.

Modestamente, nesta tarde, é o que estamos fazendo. Precisamos fazer isso multiplicar muito, aumentar muito essas possibilidades, não só de moradia, mas de emprego e de interlocução mais ativa com o setor empresarial, entre o setor empresarial e o setor público, para que possamos, realmente, levar adiante o projeto de uma nação na qual todos nos sintamos melhor e sejamos mais felizes.

De qualquer maneira, enquanto não chega o conjunto das felicidades, para mim, essa pequena felicidade aqui em São Paulo, ao lado do Covas, já é uma grande alegria. Estou muito feliz por isso.

Muito obrigado.